

A FORMAÇÃO DO SER – UMA VISÃO ROUSSEAUNIANA

SIMÕES, Carlos Henrique Santos

R.U. 1166820

BONFIM, Lucília M.G.A

Professora orientadora

RESUMO

Este artigo busca apresentar a proposta de Jean Jaques Rousseau para a formação humana, especialmente na obra Emílio, ou Da Educação, escrito em 1792. É notável que tal obra foi escrita partindo da ideia de que a raça humana estava desnordeada devido à falta de saber prático, o que a levava a dar passos largos rumo ao colapso. Essa situação forçava um repensar da formação humana desde a sua concepção. Depois de analisar as percepções educacionais rousseauianas, este artigo encaminhou-se para a tentativa de contextualização e análise da relevância de tais percepções para os dias atuais. Para a construção deste artigo foi usada a pesquisa bibliográfica como metodologia principal. Os resultados encontrados foram clarificadores e promotores de reflexões plausíveis. Visto que, o cenário atual não se revela tão promissor, assim como não o era por ocasião da redação da obra pesquisada, diante disso, as contribuições de Rousseau demonstraram-se pertinentes e válidas para a sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Rousseau. Formação. Ser Humano. Virtude.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa surgiu motivada por diversos questionamentos sobre a formação humana suscitados por reflexões no decorrer da graduação de filosofia. Perguntas como: Nascemos como seres acabados ou nos tornamos humanos ao logo da existência? Existe um agir correto comum para toda humanidade? É possível conceber a formação do ser de maneira holística? Seria a humanidade composta por seres perfeitos, mas que se corrompem devido aos percalços gerados pelo convívio em sociedade?

É factível que a sociedade vivencia um déficit moral e ético descomunal. Corriqueiramente, são presenciadas situações em que as atitudes dos seres humanos parecem não condizerem com aquilo que se espera de um ser humano. Com isso, não raras vezes, se questiona o papel da escola e dos educadores na formação do ser, visto que, em muitos casos, o conhecimento transmitido prepara profissionais para o trabalho, mas não pessoas para a vida.

Por isso, este artigo foi em busca de algumas contribuições oferecidas por Jean Jaques Rousseau que, certamente, ao escrever a obra *Emílio ou Da Educação*, tinha por finalidade responder questões muito próximas das que motivaram esta pesquisa.

Embora o cenário vivenciado por Rousseau já apresentasse problemas muito parecidos com os problemas atuais, não há como ignorar as diversas mudanças culturais, sociais, econômicas, educacionais, entre outras, que separam o Século XVIII (período em que viveu Rousseau) do Século XXI. Por isso, esta pesquisa procurou ponderar a aplicabilidade das contribuições rousseauianas no atual contexto e sua relevância ante os desafios pedagógicos da contemporaneidade.

Dentre os desafios pedagógicos está o dilema da educação. Quase três séculos depois que Rousseau identificou vários pontos deste dilema, os mesmos continuam configurando-se como verdadeiros desafios. O que é educação? A quem cabe a função de educar? Qual o papel da escola neste complexo processo? Os pais auxiliam a escola ou a escola auxilia os pais na educação das crianças? Longe de esgotar o assunto, este artigo procurou responder questões

como estas e apresentar novos desafios, aliás, um desafio só termina no limiar de outro.

Até pouco tempo atrás, fazer com que cada pessoa no planeta tivesse acesso a um celular era um desafio, parecia insuperável, porém, atualmente o desafio é fazer com que as pessoas, inclusive as crianças, moderem o uso. Isso tem gerado novos desafios. A questão agora é: como transformar este pequeno e acessível aparato tecnológico numa ferramenta educacional?

Há quem defenda a ideia de que todo esse cenário tecnológico tem contribuído para que o ser humano seja cada vez menos humano. É como se a tecnologia estivesse, não só fazendo parte da vida do homem moderno, mas sim, robotizando o mesmo. Seres mecanizados, desamorosos, porém intelectualizados. No entanto, a intelectualidade não deve ser o único atributo desta nobre raça denominada humana. Sendo assim, segue-se a questão: o que é necessário para se construir uma educação que vise à formação integral do ser? Esta foi a pergunta geradora do tema geral desta pesquisa: a formação do ser – uma visão rousseauiana.

2 ROUSSEAU E A EDUCAÇÃO

Vivemos um tempo singular. Com os avanços tecnológicos, o acesso à informação foi facilitado ao extremo. Bem verdade é que “não há cultura nem história imóveis. A mudança é uma constatação natural da cultura e da história. O que ocorre é que há etapas, nas culturas, em que as mudanças se dão de maneira acelerada” (FREIRE, 2000, p.16).

Por conta dessa “maneira acelerada”, o que se constata é uma geração confusa, superficial, tentando encontrar seu espaço num competitivo mundo onde as relações são cada vez mais raras e conturbadas. Freire (2000, p.16) constata que os bisnetos da geração passada recebiam influência do bisavô para construir sua visão de mundo. Enquanto que, “hoje, numa mesma família, nas sociedades mais complexas, o filho mais novo não repete o irmão mais velho, o que dificulta as relações entre pais, mães, filhas e filhos” (FREIRE, 2000, p.16).

Com essa perda de contato entre as gerações, presenciamos o desaparecimento ou a distorção de conceitos como: virtude, honra, moral,

justiça, ética, enquanto que, para não ficar de fora deste verdadeiro “salve-se quem puder”, os conceitos a serem dominados são: software, hardware, mercado de trabalho, competição, sucesso a qualquer custo, status, dinheiro, aliás, este último é o centro em torno do qual todas as outras coisas gravitam. Dito de outra forma, em palavras de Deleuze:

O mal, na sociedade contemporânea, é que nós não somos mais nem homem privado nem cidadão: o homem tornou-se “*homo oeconomicus*”, isto é, “burguês”, animado pelo dinheiro. As situações em que há interesse em sermos maus implicam sempre relações de opressão, nas quais o homem entra em relação com homem para obedecer ou comandar, senhor ou escravo. (DELEUZE, 2004, p. 64)

Este perfil de homem que se move em função do dinheiro tem norteado por completo as relações, seja ela entre pais e filhos, educadores e educandos, ou na sociedade como um todo. A celebre pergunta: O que você vai ser quando crescer? Exige sempre respostas que citem os nomes das profissões mais disputadas e rentáveis do mercado. Chega a parecer que a criança só será um Ser após conquistar uma profissão. Esquecem, nesta pergunta, que para “ser quando crescer” a criança precisa ser enquanto criança.

Tudo leva a crer que o perfil de criança vista como miniatura de adulto, identificado por Rousseau (1995, p. 6), não desapareceu por completo. É próprio desta geração querer forçar o amadurecimento precoce das crianças, fazendo-as sonhar com profissões, enquanto deveriam estar sonhando com “princesas e príncipes encantados”.

As crianças têm aprendido desde muito cedo o que fazer para conquistar o sucesso na vida, porém, dificilmente alguém tem lhes ensinado o que é a vida. Antes de se formar profissionalmente, independentemente da profissão, deve-se ensinar o que é próprio da humanidade. Essa preocupação fica clara na pedagogia rousseuniana quando o mesmo diz que:

Na ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é o estado de homem; e quem quer seja bem-educado para esse, não pode desempenhar-se mal dos que com esse se relaciona. Que se destine meu aluno à carreira militar, à eclesiástica, ou à advocacia pouco me importa. Antes da vocação dos pais, a natureza chama-o para a vida humana. Viver é o ofício que lhe quero ensinar. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre; será primeiro um homem. (ROUSSEAU, 1995, p.15).

Desta contribuição de Rousseau, pelo menos duas coisas são intrigantes. A primeira delas é o “estado de homem”, ou seja, um ideal de ser humano que deve ser alcançado antes de qualquer coisa. A segunda é o fato de que, para alcançar este “estado de homem”, o mesmo deve ser “bem-educado”. Diante disso, podem surgir questionamentos como: nascemos ou nos tornamos seres humanos? Existe um ideal em comum ou uma “ética universal do ser humano” (FREIRE, 2000, p.59) a ser alcançada por todos? A quem caberia o papel de educar e formar este homem rousseauiano?

Atualmente, o conceito de que o ser humano se constrói ao longo da existência é aceito por muitos estudiosos e pesquisadores do assunto. Engelmann (2015, p.31) diz que, tanto os profissionais da educação quanto os de outras áreas afirmam que “o indivíduo não é um produto acabado, não é coisa, não é instrumento. O ser humano é diferente: não é coisa, pois afirmar o que ele é pode intervir no seu ‘vir a ser’. Caso contrário, não haveria educadores”. Ainda sobre o devir humano, Rousseau (1995, p.10) define que “nascemos fracos, precisamos de força; nascemos desprovidos de tudo, temos necessidade de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer, e de que precisamos adultos, nos é dado pela educação”.

O homem rousseauiano seria educado necessariamente por três agentes: a natureza, os homens e as coisas, conforme ele próprio explica:

Essa educação nos vem da natureza, ou dos homens ou das coisas. O desenvolvimento interno de nossas faculdades e de nossos órgãos é a educação da natureza; o uso que nos ensinam a fazer desse desenvolvimento é a educação dos homens; e o ganho de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afetam é a educação das coisas. (ROUSSEAU, 1995, p.11).

Essa educação tridimensional tinha como objetivo formar “o coração, o juízo e o espírito” do educando (ROUSSEAU, 1994, p.45). A formação do coração se dará mediante a atuação do primeiro mestre, a natureza. Como tudo que emana da natureza é perfeito, a princípio, este coração conterá apenas virtudes naturais, já que “não existe perversidade original no coração humano; não se encontra neste nenhum vício que não se possa dizer como e por onde entrou” (ROUSSEAU, 1995, p.78).

Diante disso, um dos papéis do segundo mestre, os homens, será o de conservar as virtudes naturais. Sendo assim, Rousseau condena a prática de pais que se esquivam da responsabilidade de educar o próprio filho, e se atreve a dizer que “quem não tem condições de arcar com os deveres de um pai, não tem direito de ser pai” (ROUSSEAU, 1995, p. 25). Por outro lado, aos pais que desejam ter êxito na educação do filho, é assegurado que, num primeiro momento, é suficiente que apenas conservem seu filho no estado de pureza original. “Logo ao nascer apropriai-vos dele, não o largueis antes que seja homem: nada conseguireis sem isso. Assim como a verdadeira ama é a mãe, o verdadeiro preceptor é o pai” (ROUSSEAU, 1995, p. 24).

Embora Rousseau deixe clara a importância dos pais na formação do filho, não descarta a possibilidade de que exista outro preceptor participando da formação da criança. Tal preceptor ou governante, como é chamado algumas vezes, deve ser jovem e ter a destreza de entrar no mundo da criança e viver como criança, chegando ao ponto de “tornar-se o companheiro de seu aluno e angariar sua confiança partilhando seus divertimentos” (ROUSSEAU, 1995, p. 28).

A missão deste governante na formação da criança, a princípio, não será muito diferente daquela dada aos pais, conforme esclarece Rousseau:

A educação primeira deve, portanto, ser puramente negativa. Ela consiste, não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro. Se pudésseis conduzir vosso aluno são e robusto até a idade de doze anos, sem que ele soubesse distinguir sua mão direita de sua mão esquerda, logo às vossas primeiras lições os olhos de seu entendimento se abririam para a razão. Sem preconceitos, sem hábitos, nada teria ele em si que pudesse contrariar o resultado de vossos cuidados. Logo ele se tornaria, em vossas mãos, o mais sensato dos homens; e começando por nada fazer, teríeis feito um prodígio de educação (ROUSSEAU, 1995, p. 80).

Ainda que o governante deva ter uma postura educativa negativa, não tendo que necessariamente ensinar o que é a verdade, sua postura não será de inação. Pelo contrário, seu trabalho será marcado por atividades constantes, principalmente no sentido de “provocar as oportunidades e dirigir as exortações de maneira que saiba de antemão quando o jovem cederá e quando se obstinará, a fim de cercá-lo por toda parte as lições da experiência” (ROUSSEAU, 1995, p. 281).

Essa postura de conduzir o educando a situações das quais ele retire lições e aprendizados, nada mais é que colocá-lo em contato com o terceiro mestre, as coisas. Nessa tarefa, o governante não pode perder tempo, já que, “enquanto seus sentidos ainda são puros são isentos de ilusão, [por isso] é tempo de exercitar uns e outros às funções que lhes são próprias; é tempo de ensinar a conhecer as relações sensíveis que as coisas têm conosco” (ROUSSEAU, 1995, p. 121).

Com isso, intenciona-se desenvolver a sensibilidade da criança, já que, para Rousseau (1995, p.130), “as primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam em nós são as dos sentidos. São as primeiras que se deveriam cultivar e são as únicas que se esquecem ou as que mais se negligenciam”.

Sendo assim, o governante não poderia negligenciar o fato de que:

Como tudo que entra no conhecimento humano entra pelos sentidos, a primeira razão do homem é uma razão perceptiva; ela é que serve de base à razão intelectual. Nossos primeiros mestres de filosofia são nossos pés, nossas mãos, nossos olhos. Substituir tudo isso por livros, não é ensinar-nos a raciocinar, é ensinar-nos a nos servirmos da razão de outrem; é ensinar-nos a acreditarmos muito e a nunca sabermos coisa alguma. (ROUSSEAU, 1995, p. 121).

Essa interação com as coisas não tem por finalidade apenas conhecer o mundo sensível que cerca o aluno, embora se intencione tal interação e aprimoramento dos sentidos ao entrar em contato com as coisas, o principal objetivo é que se desenvolva sensibilidade suficiente para “aprender a bem julgar” por meio dos sentidos (ROUSSEAU, 1995, p. 130).

Ao se apropriar dos sentidos a ponto de saber “bem julgar”, o aluno necessariamente desenvolverá um sentimento de solidariedade pela humanidade que se manifestará através da compaixão e da generosidade. É o que acontece com Emílio que, ao vencer uma corrida teria direito de usufruir sozinho do doce que ganhou como prêmio, porém, prefere reparti-lo com seus concorrentes (ROUSSEAU, 1995, p. 143).

Vale ressaltar que essa sensibilidade não seria uma fragilidade e sim, a força de um caráter que havia se desenvolvido e robustecido através de experiências das mais diversas, entre elas, privações, desapontamento, sofrimento, aliás, “sofrer é a primeira coisa que deve aprender e a que terá mais necessidade de saber” (ROUSSEAU, 1995, p. 59).

Além do mais, ficando isento do sofrimento não se alcançaria o caráter generoso almejado para este ser que está a se formar. Nas palavras de Rousseau (1995, p. 71): “O homem que não conhecesse a dor não conheceria nem a ternura da humanidade, nem a doçura da comiseração; seu coração não se comoveria com nada, ele não seria sociável, seria um monstro em meio a seus semelhantes”.

Embora o aluno alcance os objetivos propostos pelos sentidos e desenvolva um sentimento de amor universal, não esperará a reciprocidade como recompensa, muito menos o reconhecimento dos demais a sua volta, pois, o “aluno da natureza” será “exercitado desde cedo a bastar-se a si mesmo na medida do possível” (ROUSSEAU, 1995, p. 113). Para isso, não estará preso pelo juízo que farão dele, apenas seguirá os próprios pensamentos.

Acredito que seguindo o que marquei, vosso aluno adquirirá o conhecimento dos homens e de si mesmo da maneira mais fácil possível; que o poreis em condições de contemplar os caprichos da fortuna sem invejar a sorte de seus favoritos e ficar contente consigo mesmo, sem se imaginar mais sábio do que os demais (ROUSSEAU, 1995, p. 283).

Com isso, constata-se que o ser se forma para o próprio ser. E fazendo as coisas próprias do ser, este se realiza e alcança a felicidade. Longe de querer formar o homem para a vida em sociedade, a natureza forma-o para viver a vida própria do homem.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho é de caráter bibliográfico, a pesquisa realizada foi em leituras de textos e artigos que tratam o tema em questão.

Para Gil (1991, p. 21), “a pesquisa, quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros e artigos de periódicos e com o material disponível na Internet”. A pesquisa foi fundamental, pois através dela foi possível compreender ainda mais o pensamento rousseauiano.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação das frequentes mudanças e repetições de “velhos” problemas revelou-se como um curioso fato. Embora tudo esteja em constante movimento, conforme apontava Heráclito (535 a.C – 475 a.C), alguns hábitos parecem repetir-se sempre, ou seja, mudam a forma, mas não a essência. E neste caso específico, é como se não houvesse no ser humano a capacidade de desaprender os hábitos perniciosos e pior, este é dotado de extrema facilidade em transmitir tais hábitos às próximas gerações.

No decorrer da história, a característica de mover-se pelas coisas materiais tem sido uma constante. A tradição egípcia, na tentativa de reverter este mal, criou um mito que apresentava o deus Anúbis pronto para pesar o coração dos mortos numa balança que no outro prato continha apenas a pena da verdade. Trabalhavam a idéia de que, enquanto o coração não estivesse leve e desapegado das coisas materiais a pessoa teria que continuar voltando para este mundo de sofrimento até purificar-se por completa.

Enquanto isso, os filósofos usando suas diversas maneiras e linguagens trabalharam conceitos parecidos. Platão (427 a.C – 347 a.C), por exemplo, apontava para um mundo real, verdadeiro, contrapondo o mundo sensitivo que, para ele, era apenas o mundo das sombras. Diógenes de Sinope (404 a.C – 323 a.C) ensinava que para alcançar a completa felicidade o homem deveria desapegar-se de todas as coisas. Para dar o exemplo, este chegou a abrir mão de tudo, passando a morar dentro de um barril. Tal desapego também faz parte da educação proposta por Rousseau. Ao educar o seu Emílio, este deveria estar apto a perceber que o prêmio conquistado ao final de uma prova deveria ser dividido com os concorrentes.

Na perspectiva rousseuniana, para a educação alcançar o objetivo de formar o ser holisticamente, será necessário um trabalho conjunto. Todos os envolvidos (natureza, homens, coisas) devem realmente estar comprometidos com a formação da criança. Quando esclarece a parte dos homens, deixa bem claro que não há espaço para a omissão dos pais. O modelo de terceirizar a educação, deixando-a como função de um professor, não só foi condenado por Rousseau, como também foi colocado como um dos principais motivos para o fracasso educacional.

No entanto, na atualidade, o que se percebe é que a história se repete apenas com cenário novo. Pais e mães muito ocupados têm contatos cada vez mais fugazes com seus filhos. Filhos que “precisam” preparar-se para o mercado o mais rápido possível são entregues cada vez mais cedo para as instituições de ensino. O mercado educacional com demandas altas de profissionais prepara cada vez mais rápido os profissionais que, por sua vez, estão cada vez menos capacitados para lidar com os desafios que se apresentam cotidianamente.

Analisar a possibilidade de contextualização do método rousseauiano era o principal objetivo desta pesquisa. Partindo do pensamento que os problemas percebidos por Rousseau são os mesmos da atualidade, infere-se pela lógica que, as propostas de solução são possibilidades de respostas a tais problemas. Logo, discutir estas contribuições tende apenas a somar e contribuir para a construção de um novo horizonte no campo do fazer pedagógico.

Diante destas constatações, esta pesquisa reforça a necessidade de novos trabalhos que intencionem encontrar propostas de melhorias no fazer pedagógico. Fica claro que não se trata de um trabalho conclusivo e sim instigante e reflexivo. Novas pesquisas devem ser feitas, especialmente analisando os resultados da educação do Emílio após a fase adulta, averiguando os possíveis benefícios e malefícios na formação do Ser.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta e outros textos**. São Paulo: Editora Iluminuras, 2004.

ENGELMANN, Ademir Antonio. **Leitura e produção de textos filosóficos**. Curitiba, InterSaberes, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação** – cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Emílio, ou Da educação**. Trad. Sérgio Millet. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jaques. **Projeto para a educação do Senhor de Sainte-Marie**. Edição bilíngüe (francês e português). Trad. Dorothee de Bruchard. Porto Alegre: Paraula, 1994.